

# CONCURSO EU SOU A NATUREZA

**36**

## **Planeta Terra**

*Autores: Gabriel e Giovanni*

*Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia*

O sol já não brilha mais como antigamente.  
As estrelas do céu já não brilham normalmente.  
As águas do ribeirão já não trazem alegria para muita gente.

Acho que somos incapazes de perceber que o Planeta está por um fio.  
Precisamos fazer algo para ajudar nossa tão amada Terra.  
Rios estão desaparecendo deixando milhares de pessoas sem água para beber.  
A seca do sertão está cada vez mais forte, enquanto nós estamos nos preocupando com bens materiais em vez de pensarmos no futuro.

**37**

## **Eu sou a natureza**

*Autora: Raquel Rodrigues da Silva e Bruna Eluisa - Turma 21B - Sala 13*

*Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia*

Por que as pessoas não entendem que os animais têm a mesma vida que nós? O passarinho tem a mesma vida. O beija-flor é um líder da natureza. Os caçadores matam os bichos, matam o coelho. O beija-flor cuida da natureza.  
Os animais pedem socorro porque eles são os que mais morrem quando as pessoas queimam a natureza. A fumaça mata os animais.  
Os animais são quase pessoas, eles têm coração, têm pensamento e, se as pessoas matam os animais, é porque elas são terríveis.

**38**

## **Eu sou a natureza**

*Autora: Lais Alves - Turma 33c*

*Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia*

A natureza pertence a todos nós e já sabemos que é nosso dever zelar por ela. Mas e se pensarmos de outra forma: “eu sou a natureza”? Devemos nos conscientizar de que, se somos a natureza, estamos passando pelas mesmas dificuldades que ela está passando para sobreviver. O ser humano depende da natureza e se nós continuarmos acabando com ela como estamos fazendo, daqui a alguns anos não vai ter mais nada.

## 39

### **RAP “Eu sou a natureza”**

*Autora: Lilian de Paula e Dayane Aparecida - Turma 33c*  
Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia

Não maltrate a floresta  
Porque isso não presta.  
A floresta bem tratada  
dá uma boa animada.  
A floresta é uma boa  
criação para todos  
que aqui estão.  
A natureza é uma plantação  
não a maltrate não.  
Uma floresta bem conservada  
tem que estar bem tratada.  
A plantação  
vamos conservá-la então!  
Não polua a natureza não  
pode arrumar confusão.  
O mundo não combina  
com a queimação!

## 40

### **Eu sou a natureza**

*Autoras: Amanda e Jordania - Turma 33c*  
Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia

A natureza é um ambiente tão legal, confortável, saudável! Os seres humanos devem cuidar mais da natureza, não destruí-la é tão mais legal! Quem sabe se todos os seres humanos pensassem dessa maneira o mundo não seria bem melhor? A natureza faz parte da nossa vida. Na minha opinião, o mundo seria tão bom sem violência, desmatamento, poluição... Tudo isso acaba afetando a natureza que é a nossa vida. Hoje em dia ninguém pensa mais em ajudar o mundo de forma legal, sem causar danos à nossa vida. A natureza está muito mal cuidada, destruída e ficamos bobas com as coisas que vemos na TV. Eles

falam tanto do desmatamento, da violência... e o ser humano nem procura saber mais: se vão fazer bem ou mal à nossa vida o desmatamento, a poluição e a violência. Mas eles não acabam apenas com a vida dos outros, com a deles também.

## 41

Eu sou a natureza...

*Autoras: Bruna e Natália - Turma 33c  
Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia*

Era uma tarde ensolarada e havia alguns bichos na floresta que não se preocupavam com o meio ambiente, então seus rios começaram a ficar poluídos pelo fato de aqueles animais pensarem somente neles mesmos. Sem água para beber, alguns animais estavam morrendo e os que estavam vivos começaram a sair da floresta. Um pobre jacaré necessitado de água parou e falou:

- Eu não vou deixar a minha floresta porque alguns animais são egoístas. Eu vou fazer a minha parte e vou começar a limpar.

Então um tigre lhe respondeu:

- Não adianta. Você sozinho não vai conseguir e todo o seu trabalho vai ser em vão. Vamos embora daqui antes que você morra também.

E novamente o jacaré lhe falou:

- Já disse que não vou! Posso não conseguir fazer tudo sozinho, mas lhe garanto que um pouco da minha água vou conseguir limpar. Você e os outros deveriam fazer o mesmo. Devemos ter a ecologia pessoal, mas também pensar no próximo e no meio ambiente.

Então todos os animais, vendo que o jacaré estava certo, começaram a ajudar e aprenderam, a partir daquele dia, que devem pensar no próximo e no meio ambiente onde vivem. Assim, conseguiram sua água limpa de volta. E passaram a cuidar de tudo que está a seu redor.

## 42

### **Receita para preservar a natureza**

*Autores: Luisa, João Pedro e Carolina – 2º. ciclo  
Escola Municipal Antônio Aleixo*

#### **Ingredientes**

- gramas de preservação da natureza;
- quilos de paz;

- quilos de terra;
- gramas de água;
- quilos de chuva
- litros de cuidado com a natureza.

### **Modo de fazer**

Misture todos os ingredientes na travessa da preservação, dê aos amigos com amor e carinho, com a esperança de uma natureza cheia de animais, e de rios limpos com bastante peixinhos.

## 43

*Autora: Paula Pâmela Aganette Zacarias - 3º ano do 2º ciclo*  
*Escola Municipal Antônio Aleixo*

Era uma vez uma linda floresta cheia de árvores, insetos, bichos e muitas outras coisas. Tinha um inseto chamado *Aedes Aegypti* que, para desenvolver seus ovos, precisava apenas de uma pequena gota de água.

Eles picavam os macacos, mas como os homens acabaram com a floresta, os macacos entraram em extinção. Aí o mosquito ficou sem ter a quem picar. Por isso, os mosquitos foram procurar outras espécies para picar: vieram para a cidade e começou a epidemia da “dengue”.

É por isso que temos que cuidar do mundo, da natureza, se não, outras doenças virão e a própria dengue pode piorar. Se você não sabe como cuidar dessa epidemia, vou lhe dar algumas dicas:

- não deixe água parada em nenhum lugar;
- tampe sua caixa d’água;
- limpe a vasilha de água do cachorro ou do gato;
- deixe as garrafas de cabeça para baixo, pra não juntar água.

## 44

### **Água, elemento fundamental**

*Pâmella Rayanne*  
*Escola Municipal Antônio Aleixo*  
*Profª. Margarete – turno da manhã*

A água é realmente um elemento fundamental para a vida. Você já pensou em viver sem água? Pois é, se já pensou, viu que sem ela seria impossível viver. Sem a água não poderíamos beber nada, nem tomar banho, nem limpar a casa etc.

A poluição das águas tem impedido a sobrevivência dos animais aquáticos, assim, podemos ver que eles também não sobrevivem com água poluída. Se continuar a poluição das águas, os seres vivos não vão sobreviver.

Aqui vão algumas dicas para você preservar a água:

- tome banho no máximo em 5 minutos;
- ao escovar os dentes, feche a torneira;
- não varra áreas e passeios com a mangueira e sim com a vassoura.

Essas são dicas simples pra mudar o mundo, mas não se esqueça de contar isso pra todos. É muito importante que você as siga bem à risca e ensine os outros a fazer o mesmo, pois se todos fizerem assim, o mundo, com certeza, vai mudar para melhor.

## 45

### **“Eu sou a natureza”**

*Autora: Pâmella Rayanne - 5ª série - manhã  
Escola Municipal Antônio Aleixo*

Não maltrate os animais  
a vida na terra não seria  
a mesma sem eles.  
Não prenda um pássaro na gaiola.  
Não abandone os cães na rua.  
Não prenda nem maltrate os animais dos circos.  
Os animais nos trazem  
alegria e companhia.  
Não aceite a extinção em nosso país.  
Não desmate as florestas,  
as árvores são a casa dos animais  
onde seus amigos estão por perto  
para sua própria alegria.  
Pense um pouco nas suas atitudes.  
Nosso mundo vai melhorar  
e a sua contribuição aos animais  
vai ajudar.  
Nós também dependemos da natureza para viver.  
Sem maltratar e extinguir os animais,  
nosso mundo vai mudar.

## VACA ATOLADA

*Autora: Graça Leal Ladeira*

*Professora aposentada da rede municipal de Belo Horizonte*

[adocaobh@gmail.com](mailto:adocaobh@gmail.com)

[www.adocaobh.blogspot.com](http://www.adocaobh.blogspot.com)

*Movimento Mineiro pelos Direitos dos Animais*

*"Liberdade aos animais, ainda que tardia!"*

Ao ver ou ouvir o nome “vaca atolada”, até salivamos pensando somente na iguaria feita com carne de boi e mandioca. Mas a visão de uma vaca atolada, literalmente, no barro, é cruel e dramática.

Viajamos para conhecer o Pantanal com olhos de quem respeita e defende a vida. Fomos conhecer a realidade dos animais que lá vivem e suas condições de sobrevivência.

Por lá nos contaram que a visitação de estrangeiros é de 95%. Infelizmente, boa parte de brasileiros quando vai ao Pantanal, vai a fim de caçar, pescar, se embriagar, poluir o ambiente com latas de cerveja, refrigerante e garrafas pet. Muitos são jipeiros, que degradam o ambiente sem se importar com o impacto que causam na fauna e na flora. Esses indivíduos ainda pensam e vivem como os aventureiros de épocas remotas, sem a mínima consciência de preservação ambiental.

Percebemos que o aquecimento global já afeta nitidamente o Pantanal. Percorremos grandes extensões e vimos muitas pontes secas. Contaram-nos que há anos não viam tanta seca na região. Nessa época do ano, outubro, era para estar tudo alagado. Mas hoje os jacarés se aglomeram em pequenas lagoas. Os animais, à noite, saem à procura de água, cruzam as estradas e são atropelados. À procura da água, tornam-se presas fáceis para o pior dos predadores: o homem.

A criação de gado de corte naquela região é feita em grande escala. O gado fica solto em fazendas que ocupam grandes extensões de terra e por ali se reproduzem com pouca supervisão.

Com a seca, a água vai diminuindo e, no lugar que ela ocupou antes, fica muito barro que funciona como uma areia movediça. O gado sedento, buscando o que beber, ali atola. Presenciamos esse fato e o guia nos disse que aquela vaca que estávamos vendo já estava atolada havia três dias. Os peões tentaram removê-la mas ela estava fraca e não conseguia se levantar, então deixaram-na lá, sedenta, faminta. Moscas e formigas já percorriam seu corpo e ela seria comida viva pelos animais ou pelos abutres.

Minha sobrinha pediu que parassem o transporte no qual estávamos percorrendo o local e, diante do olhar estupefato de todos os outros visitantes, desceu do carro, ultrapassou o cercado, aproximou-se e chegou água na boca do animal. E mais: espargiu repelente por onde as moscas já depositavam seus ovos. Nunca esqueceremos o olhar de pavor e desespero daquele animal sedento, faminto, pressentindo sua morte lenta, dolorosa e sendo comido ainda vivo, atolado naquele lamaçal. Em seguida, por insistência de minha sobrinha, fomos até a fazenda do proprietário do animal. Como ele não se encontrava, ela conversou com o peão encarregado, pedindo-lhe que fizesse alguma coisa pela vaca atolada. Não satisfeita ainda, pediu ao proprietário da fazenda onde estávamos hospedadas, que intercedesse e tentasse ajudar aquele animal porque não podíamos continuar tranquilos diante daquele sofrimento.

Após muita insistência, disseram que iriam sacrificá-lo, desferindo-lhe uma punhalada na nuca. Disseram, rindo, que as vacas morrerem atoladas por ali era normal. Minha sobrinha, com paciência, sabendo da pouca escolaridade e consciência dos peões, tentou mostrar-lhes que não deveriam considerar natural e normal o sofrimento de um ser vivo. Contou-lhes que os animais sentem sede, fome, medo e pressentem a própria morte. E continuou dizendo que eles, tendo como última alternativa a morte, então a recebessem como um direito, para evitar sua lenta e dolorosa agonia.

Garantiram-nos, então, que o animal tinha sido sacrificado, apesar de ter-nos ficado a dúvida. Minha sobrinha, logo que chegou ao hotel, foi para o computador e digitou esse desabafo:

### Obrigação de agir !

"Nós, ativistas pelos Direitos Animais, onde quer que estejamos, e conscientes da senciência dos animais não humanos não podemos fechar nossos olhos nem calar nossa consciência inquieta por defender os que não têm como fazê-lo. Temos obrigação de agir, lembrando que somos providos de **racionalidade**. Essa, que torna-se arrogante, ao ser usada para beneficiar a nossa espécie e ao considerar que as outras espécies existem somente para nos atender. Infelizmente, o que vemos ao nosso redor, é o uso dessa **racionalidade** de forma irresponsável, usando, torturando, aprisionando os outros animais que têm o mesmo direito à vida e de estar neste Planeta. **A racionalidade humana é um bem precioso, que nos traz a responsabilidade maior de usar a**

**inteligência para beneficiar tudo e todos, e não para destruir tudo e todos, incluindo a nossa própria espécie."**

47

### **O MUNDO COM QUE SONHO**

*Julia Brant – 2º. ano do 2º. Ciclo  
Professora Giovanna Junqueira  
Escola Municipal Vinicius de Moraes*

**Eu sonho com um mundo melhor!  
No meu mundo não tem guerras,  
e sim muitas terras.**

**No meu mundo não tem poluição,  
e sim muita admiração!  
Lá não há desperdício,  
nem da água, nem do papel.**

**Mas do que eu gosto mesmo  
é do azul do céu... meu mundo tem muitas flores  
todas com suas cores.**

**Lá não tem extinção!  
Nem do tigre, nem do leão.**

**É esse o mundo com que sonho.  
Esse é o mundo onde um dia quero viver!  
Preserve-o, pra que isso possa acontecer!**

48

## Natureza

*Maria Aparecida Basílio Silva  
Funcionária da E. M. ANTÔNIA FERREIRA*

Eu sou a natureza, já gasta por longos anos e batalhas pela sobrevivência. Apesar dos anos de luta e da busca para continuar, estou viva, por mais algumas décadas, quem sabe mais alguns séculos. Tenho minha forma de lutar para me defender da fúria dos homens, esses seres que às vezes, perversos, tentam me destruir e quase sempre o conseguem, a cada segundo. Preciso de ajuda!

Sou atacada e para me defender fico furiosa, e reajo como posso, destruindo tudo que encontro pela frente, atingindo culpados e inocentes, com enchentes que destroem cidades inteiras, deslizamentos que matam crianças, adultos, idosos, e até mesmo os

animais que não têm culpa de nada. Minhas ondas gigantescas alagam tudo em questão de segundos, trago este sol às vezes escaldante.

Esta sou eu me defendendo.

Defendo-me do homem que tanto necessita de mim mas que, ao invés de me preservar, me destrói a todo momento.

Os homens precisam se conscientizar e aprender a cuidar de mim, pois sou a vossa vida.

**49**

### **Eu e minha história de natureza**

*Autora: Jussara Suellen Dias - 8ª série*

*Escola Municipal Ozanan Coelho*

Afinal, quem sou eu pra falar de natureza? Até dois anos atrás, eu não estava nem aí para a natureza. Jogava lixo no chão, desperdiçava água, não estava nem aí! Tudo isso mudou quando, um dia, lendo uma revista vi um anúncio: “O MUNDO PEDE SOCORRO”. Fiquei sem entender porque o mundo pedia socorro: - O que aconteceu que eu não sei? Não consegui decifrar o que tinha havido e dormi pensando na frase “O mundo pede socorro”.

Passaram-se dois meses, comecei a ouvir e ver por todo lado informações sobre aquecimento global e sustentabilidade e acabei decifrando o mistério.

Depois disso, meu pensamento mudou e agora minha atitude é super diferente. Entrei em um projeto onde a prioridade é a natureza. Fizemos um mutirão para tirar da rua a poluição. Estou dando minha contribuição.

## 50

### A protetora da floresta

*Karol Meira*

*Escola Municipal Monsenhor João Rodrigues de Oliveira*

Uma menina chamada Marina era apaixonada pela natureza. Ela tinha os olhos azuis e os cabelos castanho-escuros, e do que ela mais gostava era ver o por-do-sol na floresta.

Mas um certo dia Marina estava indo ver o por-do-sol, e viu alguns trabalhadores. Rapidamente escondeu-se atrás de uma árvore e escutou o que dizia um deles:

- Eu acho que deveríamos derrubar todas as árvores e construir um Shopping Central!

Marina, furiosa, saiu de trás da árvore e disse:

- Mas, gente, vocês vão destruir o Meio Ambiente? Se vocês o destruírem, como vão arranjar alimento, oxigênio e outras coisas que só ele dá? O quê será de nós sem esse ambiente lindo?

A menina colocou os homens pra pensar tanto, que os convenceu de não destruírem aquele lugar tão especial.

A partir desse dia, aqueles homens começaram a proteger o Meio Ambiente.

## 51

### Natureza

*Bilá Bernardes*

*Professora aposentada da E. M. Padre Henrique Brandão*

Sou a Natureza  
Espero de você, humano,  
nada muito complicado.  
Espero só poder  
germinar, crescer, multiplicar  
construir ar puro  
para o mundo.

Espero de você  
limpeza onde está imundo  
que deixe a água correr  
como brota na grotta profunda.

Sou a natureza  
indefesa ante máquinas  
ante humanos.  
Nada tenho de vingativa

mas o meu interior explode  
se o homem  
deixa a bomba comigo.

52

### **Revirginar**

*Cristina Lúcia Colina Martins*

*Professora da Escola Municipal Professora Alice Nacif*

Novamente estou virgem,  
Minha mente se situa inócua,  
minha paz se mantém perene.

Novamente eu e minha origem,  
Plenamente casta, a voz e a liberdade.  
Sem a mancha da dor pairando sobre minha cabeça.  
Sem a tortura do medo, a loucura do ato, do recato.  
Sem o mistério do horror, do pesado corpo, do lítero amorfo.

Apenas sou livre, livre de meus próprios preconceitos.  
Aceitando meus fantasmas, libertando meus demônios,  
Vivendo... simplesmente, vivendo.

53

## Natureza

*Maria Aparecida Basílio Silva*

*Funcionária da E. M. ANTÔNIA FERREIRA*

Eu sou a natureza forte, mas indefesa.  
Não consigo me defender sem que faça alguém sofrer.  
Não gostaria que fosse assim, mas o homem não conhece as palavras LIMITE e RESPEITO.

Quando sou atacada, me defendo como posso. Destruo tudo o que encontro pela frente: plantas, animais, levando-os à extinção, mudo o clima, levo tudo comigo na minha fúria.  
Sou também a vida.

O ar que vocês respiram, o vento que toca seus cabelos, a brisa que toca seu rosto, o sol que ilumina o despertar de cada dia, a lua e as estrelas que te acompanham, a chuva que molha a terra para que tire seu alimento. Sou o rio, fonte de vida.

Dou-lhe tudo sem pedir nada em troca e você me dá a morte e a destruição .  
Quando destruo, não é porque gosto, mas esse é meu jeito de pedir SOCORRO.

54

## Um poema chamado Brasil

*Autora: ARIÁDINA FORATTINI CARVALHAIS*

*Mãe de aluno da ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA ALVES*

Eu sonhei com o Brasil  
Com as cores da minha aquarela  
E entre essas cores estavam  
O azul, o verde e o amarelo

No azul eu vi as estrelas  
Em uma noite de luar  
Encantando a todos no mundo  
Sem a ninguém desprezar

No verde eu vi as montanhas  
A natureza a servir  
Com sua generosa beleza  
Um mundo de sonhos florir

No amarelo eu vi o sol  
Com os seus raios dourados a brilhar  
Parecia querer me contar  
Que o Brasil precisa mudar...

Foi então que percebi  
Que a cor branca e rosa não estavam ali  
Faltava a paz e o amor, apenas estas duas cores,  
Para o Brasil ser feliz!

E neste sonho confuso  
Num país carente de paz e amor  
Chorei por saber  
Que sem estes sentimentos nada restou...

Com o coração machucado  
Pedi a Deus igualdade  
Para que haja esperança

Nesta terra tão mal amada!

Assim descobri que  
Para o Brasil mudar  
É preciso amar, é preciso acreditar  
Que existe paz...  
E que a esperança seja realmente pintada  
Com todas as cores da aquarela  
Não só com o azul, o verde e o amarelo...

## 55 Eu sou a natureza

*AUTORA: Elzi Barbosa da Silva  
Mãe de aluno da Escola Municipal Des. Loreto Ribeiro de Abreu*

Eu sou a natureza, e estou brava com o ser humano.  
Fiz de tudo o que pude para o bem de todos os seres vivos, e recebi só ingratidão.  
Eu dei água limpa e vocês sujaram, jogando lixo e esgoto nela.  
Os rios estão morrendo. Vejam, por exemplo, o Córrego do Onça: está todo poluído.  
Nele já não há mais vida, como muitos outros rios existentes no planeta.  
Eu dei o ar puro e vocês o poluíram com queimadas e mais queimadas, fábricas,  
veículos...  
Essa poluição danificou todo o planeta, acabou com todo o meio ambiente.  
Cadê o cheiro da relva? Agora só há cheiro de fumaça e muita poeira.  
Eu dei a chuva no tempo certo, para que as plantas crescessem e produzissem alimentos  
para os homens e os animais. E que as árvores dessem frutos de boa qualidade.  
Dei o sol na medida certa para se aquecer a Terra.  
Ao invés de me agradecer estão me matando, estão me destruindo pouco a pouco com o  
desmatamento, com a derrubada das florestas que produzem o oxigênio necessário para  
todos os seres que respiram.  
Agora vocês estão pagando um preço muito alto por suas ambições; por isso, há  
terremotos, chuvas em excesso provocando enchentes, desmoronamento de terras e  
derrubada de casas.  
O sol está aquecendo cada vez mais provocando a seca.  
E com isso está morrendo o gado que produz a carne e o leite,  
as plantas já não crescem tanto quanto antes,  
o sol está provocando câncer de pele, por causa da camada de ozônio, desidratação,  
doença respiratória etc.  
Depois de tudo que falei, será que podem me dar mais atenção?  
Quem sabe ainda se pode salvar o planeta?  
Deixem o amor entrar em seus corações, pois ele só constrói.

Me amem um pouco mais: não cortem as árvores, pelo contrário plantem, não poluam os rios, lutem, façam tudo que puderem para me reconstruir; devolvam a mim a minha vida. A sua vida depende da minha. Talvez assim haja esperança.

56

## **Aru, nosso cachorro**

*Graça Leal Ladeira*

*Professora aposentada da rede municipal de Belo Horizonte*

[adocaobh@gmail.com](mailto:adocaobh@gmail.com)

[www.adocaobh.blogspot.com](http://www.adocaobh.blogspot.com)

*Movimento Mineiro pelos Direitos dos Animais*

*"Liberdade aos animais, ainda que tardia!"*

Quando eu tive meu quarto filho, em 1985, eu também ganhei um filhote de cão. Era um lindo cachorro da raça Collie, preto, branco e bege, com uns dois meses de idade. Sua mãe viera do R. G. do Sul, por isso lhe deram o nome do vento que sopra no sul: Aru. Eu o tratava com os mesmos cuidados maternos que dispensava à minha filhinha recém-nascida. Ele corria e brincava alegre com as outras três crianças. E crescia e se tornava um belo cão, com longos pelos.

A minha filha recém-nascida, porém, teve problemas de rejeição do leite materno e iniciou-se um período muito difícil, pois quando eu a amamentava, ela vomitava tudo e foi perdendo peso. Morando longe dos familiares, quase sozinha porque meu marido, militar, tinha muitos compromissos, eu tinha que cuidar dos quatro filhos, numa cidade onde tudo era muito difícil. Inexperiente e receosa pelo terrorismo que os órgãos sanitários nos passam, de que os animais domésticos são transmissores de muitas zoonoses, me afastei de Aru.

Numa manhã, o encontramos prostrado, cabisbaixo, lá no seu canto. Liguei pro veterinário, passei os sintomas, ele disse ser desidratação e recomendou que eu desse os mesmos remédios que se dá às crianças: soro caseiro, gelatina líquida etc. Preparei tudo, mas não me aproximava dele. Deixei que meu marido cuidasse de Aru. E assim, deitado, ele ficou por vários dias. Até que um dia, desci ao terreiro onde ele permanecia deitado, tomando sol. Agachei-me próxima a ele, para catar algo no chão. Impetuosamente ele me lambeu toda, me abraçou, eu o acariciei e ele se levantou com toda a energia, subindo e descendo as escadas na maior alegria. Aí eu percebi que ele não tinha enfermidade, ele sentia era a minha falta, falta do meu afago, de minha proximidade. Então, procurei dar-lhe mais atenção. Como ele já estava grande, forte, com longos pelos, contratei um jovem para passear com ele, dar-lhe banho e escová-lo.

Diante de tantas dificuldades que enfrentava, naquela localidade de poucos recursos, não havia outra alternativa, a não ser retornar à minha cidade. Era o ano de 1986, Plano

Cruzado, faltava leite nas prateleiras, havia dificuldade de alugar imóveis devido aos altos preços. Aluguei um apartamento no centro da cidade, local de fácil acesso para que meus familiares me auxiliassem no meu dia a dia. Nesse apartamento, porém, Aru ficava confinado num pequeno espaço. Já adulto, nesse espaço reduzido, sem que eu pudesse levá-lo para passear, levei-o para a casa de minha mãe, onde havia uma área maior. Coloquei-o no carro e lá o deixei.

Os dias passavam. Quando íamos ver minha mãe, também o encontrávamos. Meu pai, já idoso, teve uma isquemia, e estava em convalescença quando minha mãe me deu notícia de que Aru havia sumido. Naqueles dias frios de Barbacena, com a garoa encobrindo toda a cidade, meu pai, pondo em risco a própria saúde, saiu à sua procura. Então, numa madrugada gelada, ouvi batidas fortes na porta e senti muito medo porque estava só, com minhas quatro crianças, e morando numa rua de muito movimento. Fiquei escutando. Então ouvi algo arranhando a porta. Aí compreendi tudo. Desci os dez degraus que me levavam à porta, abri e era ele mesmo: Aru. Ele subia e descia as escadas ganhando de alegria e foi cheirar as crianças. Mas não havia como ele ficar ali. Levei-o novamente para a casa de meus pais.

Certo dia, César e Cícero, meus dois filhos mais velhos, em casa de mamãe, resolveram dar banho em Aru, debaixo do chuveiro. Minha mãe, lá no tanque, lavava roupas, enquanto ouvia notícias, pelo rádio. Os dois puseram a corrente no pescoço de Aru e a prenderam na torneira do chuveiro. Só que o chuveiro estava dando choque há dias, então começou a dar choques no cão, que começou a se debater. Meu filho, descalço, tentou tirar a corrente, mas ficou agarrado. Começaram a gritar, pedindo ajuda. Minha mãe, ouvindo rádio, lá fora, achou que estavam se divertindo e fazendo algazarra. Desesperado, o outro filho, de chinelos, deu um puxão no que estava descalço. E nesse desespero, Aru já agonizava, e morreu eletrocutado. Foi uma tristeza geral. E constatamos que ele morreu, no lugar que poderia ser o de uma criança. Lá estava o perigo e a morte do animal foi o alerta.

Após toda essa experiência com Aru e sua morte, nenhum de nós nunca mais foi o mesmo. Ficamos todos desolados e traumatizados. Todos os cuidados e afeto que lhe demos ainda foram pequenos em comparação à sua fidelidade e amor para conosco. “Os animais são os irmãos mais novos dos homens. Eles também, como nós, vêm de longe, através de lutas incessantes e redentoras, e são, como nós, candidatos a uma posição brilhante na Espiritualidade”, nas palavras de Emmanuel.

Após leitura e conhecimento mais profundo sobre os animais, sua senciência (como nós, sentem alegria, amor, ciúme, dor, tristeza e outros sentimentos), refletimos que temos sim que tratá-los como irmãos menores, ajudando-os na sua caminhada evolutiva. Há muito, ainda, a conhecer sobre os animais não humanos em geral mas, na sua arrogância, os humanos só os vêm como “produtos” a serem explorados. Convivendo com os animais, percebo o quanto eles têm a nos ensinar.

**Sou parte**

*Autora: Laysla Cristine Dias Pereira – 1º. ano do 3º. ciclo*

*ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes*

Sou parte da natureza

Então vou protegê-la

Não desmatando

Não poluindo

E sim cuidando

Vamos fazer algo diferente

Porque no futuro

Vai ser melhor

Pra toda gente

Tudo que eu fizer de errado hoje

Será cobrado amanhã

Então vou pensar

Antes de fazer coisas

Que irão nos prejudicar.

Que tal preservar?

## Superação

*Francisco Gonzaga de Carvalho – avô de aluno*

*ESCOLA MUNICIPAL E.M. Antônio Gomes Horta*

Quando o vi pela primeira vez, eu me assustei de verdade!

Minha esposa havia me falado da situação em que ele nascera. Cercado de cuidados médicos, numa das boas maternidades da capital, ele veio ao mundo com deformações no quadril, na perna e no braço esquerdo. Além disso ele não conseguia mamar nem chorar direito. Teve de usar uma sondinha para se alimentar durante um bom tempo.

Mas, naquele momento do nosso primeiro encontro, olhando para suas deformações e para aquela sonda passando pelo seu narizinho, senti um aperto em meu coração. Meu terceiro neto estava ali, na minha frente, e eu tinha receio de segurá-lo em meus braços tal era a sua aparente fragilidade. Sua perninha esquerda descrevia uma curva para a frente e para cima, como se não tivesse o joelho, e seu bracinho esquerdo era rígido.

Ficando mais um tempo na casa de meu filho, minha esposa ajudou minha nora a cuidar do bebê, acompanhando-os nas visitas aos médicos e na internação que se fez necessária para o seu tratamento nos primeiros dias de vida.

Depois de ter ajudado meu filho a conseguir um tratamento no Hospital Sarah Kubitschek, minha esposa voltou para Bocaiúva. Assim a vida continuou e o meu neto, aos poucos, foi desenvolvendo sua capacidade motora. Nunca conseguiu mamar e engasgava com muita facilidade quando lhe eram dados alimentos na colherinha.

Acompanhamos de perto sua recuperação a partir dos dois anos de idade, quando meu filho ficou desempregado e os levamos para morar conosco no interior. Lá em nossa cidade, providenciamos a continuidade da fisioterapia e da fonoaudiologia. As deformações diminuíram gradativamente; as mãos que não se abriam começaram a se abrir; a boca que se abria apenas um pouquinho passou a se abrir mais e, com os cuidados da mamãe e da vovó, ele passou a se alimentar melhor e se desenvolver, começando a andar e a correr um pouco desengonçado.

Hoje o problema do quadril e a deformação da perna e do braço esquerdos desapareceram como que por milagre. Permanecem a dificuldade de articulação das mandíbulas que impedem que ele abra a boca de maneira satisfatória e o pé esquerdo cavo que terá de ser operado. Em junho deste ano, seu pé direito foi corrigido por uma cirurgia e, assim, meu neto vai sendo reconstruído aos poucos.

Nessa luta de superação, toda a nossa família se alegra com cada meta alcançada, inclusive a vovó Geralda que o acompanhou até os 6 anos de idade nesta vida e, com certeza, continua a cuidar dele lá do céu onde ela se encontra desde o dia 13 de maio de 2007.

Particularmente tenho muito orgulho do Felipe, esse meu neto que, aos 8 anos, é aluno da Escola Municipal Antônio Gomes Horta.

## 59

*Autor: Alan Soares de Oliveira Filho – 3º. ano do 2º. ciclo*

*Escola Municipal Elisa Buzelin*

Um dia fui ao parque

E me assustei com a situação:

Árvores cortadas e

Os animais no caixão.

Também fiquei abismado com a poluição

Muita fumaça no ar

Esgoto na água

Sujeira no chão.

Devido a isso surge o aquecimento global

Trocando cada estação

Calor no inverno

Frio no verão.

Devemos encontrar uma solução

Para reverter essa situação

Caso contrário, a nova geração

Terá a mesma triste visão.

## Pássaros livres

*Graça Leal Ladeira*

*Professora aposentada da rede municipal de Belo Horizonte*

[adocaobh@gmail.com](mailto:adocaobh@gmail.com)

[www.adocaobh.blogspot.com](http://www.adocaobh.blogspot.com)

*Movimento Mineiro pelos Direitos dos Animais*

*"Liberdade aos animais, ainda que tardia!"*

Meu pai era interno da antiga Escola Agrícola de Barbacena. Lá chegou aos quatorze anos, lá estudou e lá trabalhou até sua aposentadoria. Ele era um grande amante da natureza, lidava sempre com plantas e animais. Ele era um ambientalista quando essa palavra ainda era desconhecida.

Meu pai comprou uma grande área e lá construiu nossa casa. A área era de cascalho puro, mas ele, disciplinadamente, metodicamente, a adubava. Como? Naquelas décadas de 30, 40, 50, no interior, onde muito transporte era feito por cavalos e havia muito esterco pelos pastos e ruas, os meninos o catavam e vendiam em latas de 20 litros. Era uma troca prazerosa para meu pai, que adubava a horta, e para a molecada, que ganhava um troco e que já tinha o freguês certo. Essa troca aconteceu enquanto havia facilidade de se encontrar esterco.

E assim, nessa grande área, papai plantava todo tipo de vegetação. Tanto árvores frutíferas quanto ornamentais. Ali, então, apareciam aves e animais de várias espécies atrás das frutas. Meus pais tinham prazer em observar tais visitantes e aprendíamos com eles a respeitá-los. Gaiolas, nem pensar! Aprendemos a ver os animais cantando e voando livres.

Como toda criança, adorávamos ir para a casa de nossos avós maternos. Lá se encontravam todos os primos, que eram muitos. Meu avô tirava seu sustento de um botequim onde comercializava doces, salgados, verduras e frutas. As verduras eram compradas da colônia dos imigrantes italianos que, fugindo da Primeira Grande Guerra, se estabeleceram em Barbacena.

Os salgados e doces ficavam numa enorme vitrine. E cada primo tem uma história para contar dos doces e salgados que surrupiávamos de nosso avô. Tinha uma geléia de mocotó em pedaços e uma empadinha que eram nossa tentação! Quando meu avô se afastava para tomar o café ou ir ao banheiro, enquanto um primo vigiava, o outro abria aquela enorme porta da vitrine, com muito cuidado, para que não rangesse. E quando conseguíamos tirar o que queríamos, íamos comer juntos, rindo muito da travessura.

Dentro da enorme casa, cheia de cômodos, havia um com gaiolas penduradas do chão ao teto com dezenas de pássaros de grande valor, os quais eram comercializados por meu avô. Meus irmãos, um dia, entrando naquele cômodo, e tendo em mente os ensinamentos de meu pai, foram abrindo todas as portas das gaiolas e libertando os

passarinhos. Quando meu avô viu, ficou irado. Meus irmãos voltaram correndo para casa. Quando minha mãe soube do fato, deu uma boa surra nos dois.

Recordo-me deles, agachados num canto e, após chorarem muito pela surra, me contarem rindo:

- Precisa ver a alegria deles, saindo em revoada pela janela, cantando, livres.

Hoje, lembrando-me daquela atitude, imagino como seria bom ver pessoas com o mesmo prazer e a mesma coragem de meus irmãos, abrindo as gaiolas de suas casas, dos zoológicos, dos circos, dos laboratórios pelo mundo afora e se comprazendo com a liberdade dos animais.

## 61

*Isabella Paula Resende Xavier – 3º. ano do 2º. ciclo*

*Escola Municipal Elisa Buzelin*

A natureza pede socorro!

As matas pedem conservação

Os bichos pedem preservação

O ar não quer poluição

A água não quer contaminação

E o homem quer solução

Para melhorar a situação

Para a próxima geração

Com muitas árvores para refrescar

Variedade de animais para admirar

Ar puro para respirar

Tudo isso depende de mim

Depende de você

Depende de nós

Vamos nos conscientizar

De que nossos hábitos devemos mudar

Novas atitudes devemos tomar

Aprender a conservar

Aprender a respeitar

Aprender a reciclar

Para o meio ambiente preservar e a vida melhorar...

## 62

### Rio das Velhas

*Autora: Idê Cecília dos Santos Rocha*

*Professora da ESCOLA MUNICIPAL Benjamin Jacob*

Repleto de histórias e segredos antigos,  
Ele sobrevive inocente e sem encantos,  
Ecoando um murmúrio sereno de socorro à vida.  
Suas águas misteriosas em leves correntezas  
Entoam cânticos de alegria e tristeza.

Contemplado ao longe, avista-se ainda na superfície  
Reflexos de dourada paz,  
Sinônimo de saudade e beleza  
Que a alma do poeta insiste em vislumbrar  
Penetrando no seio das águas turvas.

Mas ao toque da realidade sinistra  
Umedecem os olhos do perplexo admirador:  
O leito dos bancos de areia  
Poluição de esgotos e lavagem de minério  
Extinguindo vidas, propagando epidemias  
Nas margens ressequidas pelo acúmulo de lixo,  
Morada de animais nocivos,  
Retratos da degradação ambiental.

A consequência dos atos impensados  
Vem culminando no transbordamento tristonho das águas,  
Que ao longo dos anos deslizam mansas e serenas  
Relevando o cenário desta cidade,  
Que na página da história

Registra seu eco marcante.

Socorro!

O Rio das Velhas sonha e grita em silêncio,  
Espera e anseia por carinho,  
Como se fosse um ancião que doou vida e prosperidade  
Durante a mocidade  
E na velhice é desprezado por seus filhos amados.

**63**

## UM LUGAR BEM DISTANTE

*Autor: AMILTOM AM@RIM*

*Pai de aluno da ESCOLA MUNICIPAL JOÃO CAMILO TORRES*

O MAR CRESCIA E EU TAMBÉM  
OS PEIXES CRECIAM E EU TAMBÉM  
A MATA CRESCIA E EU TAMBÉM  
MENINO, EU CRESCIA.

ERA TUDO EM HARMONIA.  
E EU ERA FELIZ. E SABIA DA MINHA FELICIDADE.  
MEU PAI PESCAVA NA PONTE DO JANGA SOLITARIAMENTE  
ELE E EU E SEU MORRINETE  
O SOL DO NORDESTE EM SUA CABEÇA  
E NA MINHA TAMBÉM. ELE PACIENTE COMO UM MONGE...  
SAMBURÁ ERA A MINHA SACOLA... OS PEIXES MEXIAM VIBRANTES...

A MAREZIA ENTRAVA EM NOSSAS NARINAS  
CHEIRO DE MAR E DE MANGUE  
CARANGUEJO ERA MINHA SINA  
A PELADA ERA CONSTANTE... BEM NA VAZANTE...  
LÁ DE CASA EU VIA O MAR PELA FRESTA DOS ARRANHA-CÉUS  
BEM REFESCANTE...  
OLHA, MANO, JÁ ESTÃO APARECENDO OS CORAIS!

CALÇÃO EU MESMO FAZIA  
COM PANO DE CHITÃO QUE CERZIA  
A NATUREZA ERA A MINHA INSPIRAÇÃO  
A COR ERA A DO PECADO  
SOL DO DIA INTEIRO  
NATUREZA EM MIM  
PEGAR OSTRAS NO BAIXAR DAS ÁGUAS VIVAS  
MEU *HOBBY* ERA CONTEMPLAR A BELEZA DO MAR  
NO FUNDO DAS MINHAS RETINAS

HOJE CIDADE GRANDE...  
SEM MAR, SEM OSTRAS, SEM CHEIRO  
SEM... AMIGOS  
CADÊ O MAR, O VERDE, OS ANIMAIS E A SAÚDE?  
GATO COMEU.

64

## **Eu sou a natureza**

*Autora: Rosa Solange Soares*

*Educadora Infantil da EMASC - UMEI Paraiúnas*

Olá, amigo! Eu sou a natureza. Dou-lhe tudo o que você necessita para sobreviver. Dou-lhe o ar que você respira, a água que lhe mata a sede, o alimento que lhe sacia a fome, os animais que embelezam e alegam a sua vida, o sol que lhe aquece o corpo e faz a vida brotar, a chuva que tudo lava e faz permanecer a vida em todos os lugares.

Além de tudo isso, você ainda encontra em mim toda a matéria-prima para transformá-la naquilo que você necessita, quer ou sonha, para melhorar ou alegrar sua passagem por aqui: o ferro, o aço, o alumínio, o ouro, a prata, o petróleo, a argila, a areia, a madeira, as pedras preciosas ou não, as fibras e tantas coisas mais que você usa no seu dia a dia.

Você, que teve a oportunidade de me conhecer e conviver comigo, reflita um pouco sobre o que tem feito para me agradecer, cuidando de mim, para que eu possa continuar oferecendo tantas maravilhas aos outros seres que ainda virão aportar neste planeta Terra. Saiba que, quando você partir, nada poderá levar, além das experiências que pôde vivenciar em mim, que sou a natureza.

65

## **Flores**

*Autora: Idê Cecília dos Santos Rocha*

*Professora da ESCOLA MUNICIPAL Benjamin Jacob*

Flores que cobrem os campos  
A imensidão sobre a relva  
Azulada da montanha distante  
Quero sentir sempre os perfumes  
Contemplar suas cores prediletas  
A colorir-me os momentos.

Como é bom olhar um jardim  
Ou flores solitárias

Nascendo em lugares ásperos  
Para mim parecem gente  
A história de cada um

Diferenciam-se na cor, na beleza  
Mas se banham à luz do mesmo sol  
E embebem as mesmas gotas  
Da chuva vital.

Sempre enfeitam, na singularidade  
de ser flor  
E perfumando também desfalecem  
como a carne.

Temos o dever de sermos flores  
Como parte da natureza.  
Que função mais linda  
É se fazer presente!

66

## Meu pato de estimação

*Autora: Graça Leal Ladeira  
Professora aposentada da rede municipal de Belo Horizonte  
[adocaobh@gmail.com](mailto:adocaobh@gmail.com)  
[www.adocaobh.blogspot.com](http://www.adocaobh.blogspot.com)  
Movimento Mineiro pelos Direitos dos Animais  
"Liberdade aos animais, ainda que tardia!"*

Um pato pode ter sentimentos? Leia o relato a seguir e julgue você mesmo.

Ouro Preto. Quanta história conta, nas suas ladeiras centenárias, nos casarões barrocos, nas Igrejas meio assombradas...

Era lá que eu morava quando ganhei um pato de presente. Coloquei-o num espaço telado no quintal de nossa casa. Do alto das escadarias, todos os dias, eu lhe jogava comida e sempre conversava com ele. Com o tempo, com esse contato direto, ele emitia sons como se me respondendo enquanto eu conversava com ele e trocava sua água. E quando eu estava ao lado do telado, ele me seguia de um lado pro outro, emitindo estranhos sons.

Um dia, muito curiosa, abri o galinheiro e deixei-o sair. Ele me seguiu e ficou nos meus pés, como uma criança pedindo colo. Mais curiosa ainda, me agachei e para meu espanto e muita emoção, ele subiu no meu colo, e se pôs a me dar bicadinhas no rosto, como se estivesse me beijando. Daquele momento em diante, comecei a lhe dar mais atenção, achando tudo aquilo inacreditável.

Após seis anos em Ouro Preto, retornei a minha cidade, Barbacena. Não iria abandonar meu pato de estimação. Então, como fui morar em apartamento, deixei-o em casa de minha mãe, porque lá ele ficaria bem com inúmeras outras aves e num grande espaço.

Quando eu visitava minha mãe, ele vinha atrás de mim. Então eu brincava com ele, entrava pela porta da cozinha e saía pela porta da sala e ele atrás de mim. Não me deixava e queria ficar comigo.

Mas minha ausência diária foi deixando-o agressivo. Ele começou a correr atrás e bicar todos que chegavam, agindo como um cão bravo. Como minha mãe tinha erisipela na perna e qualquer arranhão acarretava dolorosas sequelas, ela e meus irmãos estavam muito apreensivos e temerosos. Mesmo mantendo o pato preso, às vezes ele poderia ser solto e sairia mais agressivo.

E foi aí que minha consciência doeu. Eu estava passando por problemas seríssimos, correndo risco de perder o emprego por abandono, com quatro crianças, cuidando delas praticamente sozinha, com problemas de saúde devido ao acúmulo de desafios enfrentados. Fomos criados convivendo com muitos animais, meus pais e familiares sempre os trataram bem. Mas não tínhamos esse entendimento, essa consciência que tenho hoje: os animais são seres sencientes, sentem dor, medo, tristeza, ciúmes, raiva e têm direito à vida tanto quanto nós, humanos. E o que eu fiz? Hoje eu percebo que poderia tê-lo doado para alguém que tivesse um sítio. Para alguém que o deixaria viver até que tivesse morte natural. Naquele momento meus problemas pessoais, profissionais e familiares conturbavam minha mente e não havia espaço para nenhum outro sentimento ou reflexão a não ser os de minha própria sobrevivência. Eu deixei minha mãe matá-lo para comê-lo.

É assim que agimos com aqueles que julgamos inferiores a nós: nós os aprisionamos, matamos, comemos e esquecemos, menosprezando todos os sentimentos que eles nos dedicaram, principalmente o sentimento de fidelidade. Quem de nós não teve um animal de estimação, como um porquinho, um bozinho, um cabritinho, um cãozinho e um gatinho e o abandonou, ou o comeu?

Cada vez avanço mais no entendimento de que todos “nós seres humanos, estamos na natureza para auxiliar o progresso dos animais, na mesma proporção que os anjos estão para nos auxiliar e quem maltrata um animal é alguém que ainda não aprendeu a amar”, nas palavras de Chico Xavier. Cada vez mais, sofro com o que não impedi que acontecesse. Agora sou vegetariana. Estou aprendendo que “vida é vida, seja de um gato, cão ou homem. Não há diferença entre um cão e um homem nesse aspecto. A idéia da diferença é uma criação humana para seu próprio proveito” segundo Sri Aurobindo.

### **Patos felizes: como são e do que precisam...**

“Os patos são animais muito sociáveis e sentem-se muito bem em grupo. Passam os dias juntos procurando comida nas ervas ou na parte mais rasa da água, e

dormem em grupo durante a noite. São animais meticulosamente limpos que mantêm os seus ninhos sem lixos nem restos, e gostam de acariciar as penas e exibir suas lindas plumagens aos potenciais companheiros. Na natureza, sua esperança média de vida é de 10 anos. São nadadores e voadores excelentes e são capazes de fazer centenas de quilômetros durante as migrações. Tal como os gansos, os patos também voam em “V”. Os patos usam vocalizações e linguagem corporal para se comunicarem entre si. Investigadores da Universidade de Middlesex, no Reino Unido, descobriram que os patos têm pronúncias regionais, à semelhança dos humanos. Segundo este estudo, os patos da cidade têm vozes mais altas, enquanto que os do campo têm vozes mais suaves e calmas.” ([www.gatoverde.com.br](http://www.gatoverde.com.br))

## 67

### EU E O MEIO AMBIENTE

*Autora: Leticia Rocha dos Anjos – 3º. ano do 2º. ciclo  
Escola Municipal Elisa Buzelin*

É preciso preservá-lo,  
é preciso mantê-lo vivo,  
pois sem ele,  
nós somos um caminho perdido.

Como é lindo ver a abelha fazendo o mel,  
o gado no pasto, o aroma das flores!

Hoje em dia é difícil ver essas belas cenas,  
pois a destruição e a poluição  
não estão dando prazer de viver,  
tanto para mim quanto para você.

O meio ambiente  
pede socorro,  
pede ajuda,  
pede pela vida,  
pois ele não quer ter mais  
essa vida sofrida.

## 68

### O QUE SERÁ DE NÓS?

*Nayara Santana – 3º. ano do 2º. ciclo*

*Escola Municipal Elisa Buzelin*

O que será de nós

Com essa poluição?

O que será de nós

Com esse desmatamento?

Se continuarmos assim,

Não teremos mais vida

O que antes era um paraíso,

Agora é esse planeta poluído.

O que será de nós

Com essa poluição?

O que será de nós

Com esse desmatamento?

A nossa vida

Depende da vida do outro

De que adianta eu cuidar,

Se o outro não cuida?

O que será de nós

Com essa poluição?

O que será de nós

Com esse desmatamento?

No nosso planeta

Ainda existem cachoeiras, fontes

E lugares lindos que parecem um sonho!

Mas será que esse sonho vai durar muito tempo?

O que será de nós

Com essa poluição?

O que será de nós

Com esse desmatamento?

69

## História de um porquinho

*Autora: Graça Leal Ladeira*

*Professora aposentada da rede municipal de Belo Horizonte*

[adocaobh@gmail.com](mailto:adocaobh@gmail.com)

[www.adocaobh.blogspot.com](http://www.adocaobh.blogspot.com)

*Movimento Mineiro pelos Direitos dos Animais*

*"Liberdade aos animais, ainda que tardia!"*

Nossa casa, em Barbacena, ficava numa grande área com muita vegetação. Sempre tínhamos gatos e cachorros convivendo conosco. Meus pais criavam porcos para a nossa alimentação. Nós o víamos no chiqueiro, brincávamos com eles, jogávamos comida e quando chegava o dia do abate, ouvíamos apavorados seus gritos de dor. Mas, na panela, ao comê-los, achávamos que a vida era assim mesmo porque não tínhamos nenhuma conscientização sobre o direito à vida que todo ser vivo tem. A religião dominante na época nunca esclareceu nada a esse respeito. Não tínhamos acesso a outras informações. Não havia ainda computador e não tínhamos televisão, por ser um luxo. E, assim, as coisas caminhavam.

Um dia, apareceu um leitãozinho. Não me lembro o porquê de ele ser mantido solto no quintal. Brincávamos e corríamos com ele. Quando íamos à vendinha buscar pão ou qualquer outro gênero alimentício, ele ia atrás, nos seguindo. Ficava dentro de casa, e quando íamos para a cama, ele subia para dormir conosco. Nós cuidávamos dele como de um cão e ele se comportava como tal. Na nossa inocência de criança, aquilo era normal.

Numa manhã, mamãe foi preparar a comida do leitãozinho, deixou o fubá na bacia, e foi buscar a água para fazer a mistura. Nosso querido amiguinho, sempre muito guloso, foi comer o fubá seco e, antes que pudéssemos acudi-lo, morreu entalado. Toda tentativa de salvá-lo foi em vão.

Sofremos imensamente. Um animal admirável morrer assim, de forma impensada. O comportamento daquele animal ficou na nossa memória. Ele nos demonstrava fidelidade, afeto, companheirismo e nós, ignorando tudo isso, certamente, mais tarde o comeríamos.

Passado muito tempo, minha filha, aos quinze anos, fazendo uma excursão do colégio na cidade de Bambuí, presenciou como os porcos são mortos, voltou arrasada e nunca mais comeu carne, tornando-se vegana: não come e não usa nada que traga sofrimento para os animais. Com seu exemplo e sua perseverança, me tornei vegetariana.

Agora, voluntária da Causa Animal, leio sobre vasta pesquisa de homens que já tinham o respeito e defendiam o direito à vida de todo ser vivente. Aprendo que, nos Estados Unidos, a primeira lei para proteger os animais data de 1866, já a lei para proteger as crianças data de 1873, sendo, portanto, posterior à dos animais.

Mesmo diante de toda a demonstração de fidelidade, inteligência e sensibilidade do porquinho, nada nos impediria de comê-lo. Escondemo-nos atrás de duas palavras – **cultura e tradição** – para mantermos nosso comodismo.

Com todas as informações obtidas através dos avançados meios de comunicação, mesmo com questionamentos, depoimentos de filósofos, pensadores, cientistas, biólogos e religiosos, preferimos manter hábitos arraigados que são fomentados pelo alto poder de persuasão da indústria alimentícia nos incitando ao consumo exagerado de produtos animais. E que mentem ao afirmar que não podemos viver sem a proteína animal. Estamos sempre aprendendo que esse é um dos motivos de nossa existência.

Contudo, não importa nossa idade, cada dia nos traz uma nova oportunidade de saber. É preciso estarmos abertos, pois essa oportunidade de aprendizagem pode ser trazida pelo convívio com os animais.

“Os porcos são muitas vezes comparados a cães, por serem animais simpáticos, leais e inteligentes. Na verdade, os porcos são ainda mais inteligentes do que os cães. Se tivessem oportunidade de o fazer, e se fossem bem tratados, conviveriam com gosto com os humanos, que lhes despertam tanta curiosidade. Estudos recentes de especialistas em psicologia e cognição animal mostraram que os porcos conseguem saber o que passa pela cabeça de outros porcos. Têm também grande autonomia, tomando as suas próprias decisões de modo a conseguirem alcançar os objetivos que pretendem. Animais admiráveis, os porcos sonham, reconhecem os seus nomes, gostam de ouvir música, de brincar com bolas e outros objetos e, à semelhança dos humanos, gostam muito de receber massagens.” ( [www.gatoverde.com.br](http://www.gatoverde.com.br))

## 70

### **SOMOS TODOS FILHOS DA MÃE NATUREZA (parte I)**

*Autora: Vera Lúcia Rodrigues – deficiente visual desde 2002, cegueira total*  
[veral.rodrigues@yahoo.com](mailto:veral.rodrigues@yahoo.com)

Finalmente chegou o domingo. Domingo de missa, domingo de festas, domingo cheio de amigos, domingo cheio de espera. Ansiosamente, aguardo no portão a hora de juntar-me a esses amigos que pelo falatório, pela algazarra que escuto, acabam de chegar. Maravilhada entro no carro e cumprimento um a um. Eles me recebem alegremente.

Estou indo em busca de horas agradáveis na fazenda de uns primos, a qual não fica longe não. É impressionante como esse passeio faz bem a meu corpo e minha mente.

Vou e fujo assim, prazerosamente, desse ar poluído. Largo a confusão para trás, barulheira infernal. Por algumas horas, fico livre do convívio ultimamente tão difícil, tão complicado, tão agressivo entre as pessoas que moram na cidade grande. No caminho, sinto a diferença, a mudança do clima, o cheiro do mato, capim-meloso caindo pelos barrancos trançando nas cercas tortas que vão beirando a estrada. Sorridente, me enrosco no assento do carro e abro o vidro da janela. Com esse gesto, como sou cega, imaginariamente abro também a cortina negra que envolve a retina dos meus olhos tão ávidos de imagem e luz.

Com o carro zunindo na estrada, agradeço mais uma vez a Deus por um dia ter enxergado, ter visto a beleza do lugar para onde sigo agora.

É através das lembranças que revejo pedaço por pedaço do caminho que percorro e meu coração é todo feito de alegria. Pressinto a chegada da fazenda, sei que já estou perto da porteira e ela está coberta de flores. O cheiro do esterco que vem do curral, o mugido do boi, o grito alegre do vaqueiro lá no posto, o cheiro forte de terra, o ar fresquinho, puro, sadio, tão gostoso chegando a meus pulmões.

Estou chegando... Oi, gente! Oi, turma! Alegria de estar com vocês. Bom dia, natureza! Bom dia para todos e para os bichinhos também. Cantem, cantem, canarinhos, bem-te-vis e azulões! Estou chegando e me sinto forte, saudável, viva, a energia positiva vibrando em cada canto do meu ser. Saio do carro cantarolando, prefiro seguir a pé e lá vou eu com minha bengala esbarrando aqui e acolá, faz parte da caminhada e compensa a satisfação de estar no campo. Estar na roça me faz feliz. Escuto o bater das asas e logo o canto do bem-te-vi e ele canta... Como canta, veio para me dar bom dia e parece que escuto assim:

- Bem-te-vi, Vera... Bem-te-vi... Bem-te-vi!

71

### **Poema para a cadelinha Clara**

*Autora: Colette Schimit*

A tarde cai fria e entre bêbados e maltrapilhos,

Ambos esquecidos, dorme, na praça.

Clara, olhar perdido de uma cadelinha educada

Que algum dia teve um dono.

Embolada, machucada, suja, prenha, faminta e carente

Espera um pouco de atenção.

Que alguém se lembre que tem fome e sede.

Que quer um carinho, um cantinho, alguém que possa

Dela cuidar.

Como Clara há tantos, nas praças, nas ruas, nas avenidas,

Em todos os lugares, esperando que alguém desperte e os veja

E os amem e deles se compadeçam.

Assim como Clara, há tantas Serenas, Morenas, Akiras, Tininhas,

Pretinhas, Ninas, Bobs, Nicks, Kikas, perdidos pelas ruas,

esquecidos, famintos, sedentos de amor, de carinho,

esperando um gesto, um afago, um abraço.

O homem que procura no animal a beleza, a raça e o pedigree para amá-lo

Ainda não compreendeu o sentido do verdadeiro amor.

Adote um amiguinho!

(Obs.: Esta é a história verídica da cadelinha Clara, que vivia com os mendigos, em Venda Nova, e perdeu os 8 cachorrinhos que esperava, mas encontrou um anjo que agora cuida dela: a protetora Colette.)

## Privilégio

*Livia Amaral Ladeira*

[livialadeira@gmail.com](mailto:livialadeira@gmail.com)

<http://livialadeira.multiply.com/>

Certo dia em que passava pelos portões da UFMG para mais um dia de estudo, me dei conta da grande fronteira que atravessava. Para trás, ficara todo o emaranhado caótico da cidade e seu zumbido cinzento. Ali só havia a calma verde das árvores, num contínuo que se perdia diante dos olhos. Obviamente havia também alunos apressados, carros insistindo em seu ronco invasivo e funcionários que buscavam se despir do sono. Nesse dia, porém, escolhi ver o verde. Escolhi ouvir o silêncio despertando no canto de pássaros inusitados. Escolhi transpor o tempo e me lembrar de um mundo que pouco conheci, mas de que sempre ouvi falar.

Mudei para Belo Horizonte ainda criança. Me lembro dos passeios com minha mãe pela cidade. Pegar ônibus, ir ao centro enfrentar aquele mundo de gente, entrar e sair de lojas em busca de um preço mais simpático. Olhar fixo no chão e nas pernas que se entrecruzavam, me desviava e, ao mesmo tempo, acompanhava o puxão firme no braço, conduzido pela marcha frenética de minha mãe. E então ouvia um grito. Assustada, procurava o motivo que a fizera parar. Assalto, esbarrão, pisada no pé talvez. Mas todas as vezes, e não foram poucas, percebia que seu olhar se havia desviado para outra direção. E em seguida ouvia: "Que maravilha está essa Castanheira!" ou "Aquele é uma Quaresmeira, minha filha, símbolo da cidade", e outras vezes "Olha que vontade de viver, a das plantas. As raízes quebram a calçada com sua força!" Os fatos eram sempre acompanhados de nomes, que foram aos poucos acrescentados à minha lista: Flamboyant, Pata de Vaca, Acácia Japonesa, Buganvília, Orquídea, Violeta, Lírio, Boca-de-Lobo, Amor-Perfeito, Hortências...

Antes da mudança para a capital, a casa de minha avó materna era o próprio paraíso. Naquele lugar, onde eu e meus primos explorávamos cada centímetro do extenso terreno em nossas brincadeiras de aventura, minha mãe fora criada. Lá ouvimos várias histórias de moleques pulando os muros para pegar frutas nas diversas árvores do quintal. De como elas muitas vezes mataram a fome dos doze irmãos. De linhas e flores que se transformavam em coroas e colares. Histórias de enxertos, adubos e cuidados da terra, paixão de meu avô por suas plantinhas. E sua coleção de madeiras mantida no porão, colhidas durante suas andanças pela cidade. Muitas vezes, furtivamente, acabavam no fogão à lenha, gente demais pra alimentar. Descoberto o delito, inflamava-se meu avô. Rapidamente retirava seu tesouro do fogo, apagando-o. "Isso é Pinho de Riga! Isso é Pinho de Riga!"

Hoje em dia é comum, quando estou com meus amigos, parar e dizer: "Como estão lindos esses Brincos de Princesa" e receber em troca olhares interrogativos. Espantam-se com os nomes que guardo. À sombra de uma árvore que se encontra em frente à faculdade, onde nos assentamos diariamente, folhas que caem nos cabelos ou formigas que transitam por nossas pernas se transformam em queixas. Num desses dias, vi uma pequena Ameixeira que se encontra no mesmo local ser violentamente sacudida. Um homem buscava tirar proveito de seus frutos. E bruta e afortunadamente, derrubando vários deles no chão. Escolheu alguns, ignorou o resto. Desaprendemos a olhar.

No entanto, entrei no campus aquele dia e decidi não ver os prédios concretos e simétricos que se espalham em meio às copas. Prédios cheios de livros, livros cheios de nomes. Nomes dos quais fiz questão de me esquecer. Ceguei-me para a o vagar acadêmico dos passantes, míopes, cheios da sede ortodoxa de termos cunhados em laboratórios, embebidos de importância asséptica.

Entre no campus e me deixei envolver pela névoa que paira sobre a reserva ecológica bem cedinho de manhã, banhada pelos raios que se espreguiçam sobre aquele friozinho úmido. Reparei no passarinho incomum de cauda comprida, camuflado em meio aos galhos. Notei os gatinhos se enroscando pelos gramados, tranquilos e livres, donos daquele território soberano. Deixei o rosa dos Ipês me inundarem de beleza. Acompanhei a leveza do Salgueiro a sombrear um banco de jardim. Lembrei-me dos nomes tão significativos que povoaram minha pequena enciclopédia verde. E senti o real privilégio que há, em adentrar aqueles portões diariamente.

73

## **SOMOS TODOS FILHOS DA MÃE NATUREZA (parte II)**

*Autora: Vera Lúcia Rodrigues – deficiente visual desde 2002, cegueira total  
[veral.rodrigues@yahoo.com](mailto:veral.rodrigues@yahoo.com)*

Meu coração está em paz. Uma paz inexplicável e me integro assim totalmente a esse convívio com a “Mãe Natura”. Pena que ela está sendo abandonada, arrasada, exterminada pelos próprios filhos.

Chego finalmente à travessia da ponte. Sigo junto ao riacho que corre alegremente. Escuto o barulho das águas que descem cantarolando, brincando com as pedras que ficam para trás. Gotinhas d’água vão salpicando meus pés. Lembro-me que nesta época do ano os peixinhos ficam mais estabados, espertos e ariscos.

Uma vez aqui nesse riacho uma piabinha mordeu meu pé. Senti cócegas e ri tanto, mas tanto que resolvi pegar a danadinha. Ela era tão pequenininha e esperta, pois viu logo o que eu queria e, em um mergulho só, desapareceu nas águas tão frias.

Sabe, ao lembrar essa passagem de minha vida “agora”, fico pensando: porque os outros peixes não são iguais a ela? Assim sairiam vivos da matança indiscriminada, fugiriam da bárbara exterminação a que estão sendo submetidos pelos homens em nossos mares, nossos rios, lagos e pantanais.

A “Mãe Natureza” é desrespeitada a cada momento. Seu grito de socorro bate inutilmente na barreira da consciência humana que se faz de cega, surda e muda diante dessa situação.

74

## Eu sou rio

*Rosilene Gomes de Oliveira – mãe de aluno da rede municipal*

Eu sou o rio que nasce no alto da montanha, com águas límpidas e serenas. Desço planaltos, vales e planícies. Atravesso matas, florestas e suas exuberâncias.

Desço mais um pouco, ouço a cotovia, que assovia com maestria um canto de pura magia. Enquanto isso o mico-leão espia.

Continuo a caminhada descendo montanha abaixo e de longe avisto a cidade. E por todos os lados só vejo evolução, tecnologia e industrialização. Junto à poluição e à minha destruição.

Ouçó pessoas importantes falarem em despoluição do pobre rio. Que recebe dia e noite dejetos. Outros falam de aumento de produção. Enquanto isso, parte de mim morre lentamente.

Eu sou o rio, eu sou a natureza, eu sou a fonte da vida.

75

## **SOMOS TODOS FILHOS DA MÃE NATUREZA (parte III)**

*Autora: Vera Lúcia Rodrigues – deficiente visual desde 2002, cegueira total*  
[veral.rodrigues@yahoo.com](mailto:veral.rodrigues@yahoo.com)

Uma tarde, quando eu ainda enxergava, aqui nessa fazenda, eu caminhava dentro do milharal, vendo o sol se pondo no horizonte coberto por algumas nuvens escuras. Eu admirava a beleza do verde e o dourado das espigas quando, de repente, começou a cair uma chuvinha fininha, preguiçosa, que descia misturada com os últimos raios de sol, formando um belíssimo arco-íris que ficava mais lindo ainda visto entre as folhagens verdes já molhadas. Chuva... Mais uma dádiva da natureza. Deixei que ela caísse sobre mim. Brinquei com ela sentido o cheiro da terra molhada que, agradecida, bebia gulosamente as gotinhas vindas do céu. Bons tempos... Bela tarde!

Eu me identifico muito com a chuva. Gosto do barulho que ela faz, da goteira pingando do beiral da casa. Vejo-me muito criança olhando do alto de uma janela a chuva caindo à distância. Lembro-me muito da roça e da chuva caindo na serra. A chuva tem o dom de me transportar a lugares tão distantes! Refugio-me, através dela, dentro de mim em busca de respostas, sonhos e ilusões.

Um dia na natureza, um dia de chuva talvez, me faz refletir principalmente agora que perdi a visão. Gosto da chuva. É uma lembrança que conservo e ao mesmo tempo posso tocar, sentir e curtir. Gosto da natureza, gosto mesmo para valer! Gosto de estar na roça, gosto do convívio com a gente simples, do campo, de poder escutar o canto dos passarinhos. É aqui, na fazenda, que me sinto mais gente, mais ouvida, mais compreendida, é aqui que me sinto junto de Deus. É nesta paz, nesta harmonia que encontro forças e energia, para viver e lutar. Por tudo isso, é que domingo é dia de passeio aqui na fazenda, e cada volta para a cidade significa dentro do meu peito mais conscientização e mais cuidados para com a mãe natureza. Nada de maltratar e destruir a quem nos ama tanto. Matemos a natureza e estaremos matando a nós mesmos. Ainda bem que os movimentos ecológicos percorrem o mundo todo atravessando rios e montes, mares e matas e desertos.

Sei que a humanidade anda perdendo a hora, mas ainda é tempo para acordar.

Que a turma do Nero pare de incendiar, os empresários parem de poluir e cortar e nós mesmos paremos de destruir!

Ô gente! Ô mundo cão! Será preciso um deficiente visual fazer a humanidade cega enxergar de verdade?

Eu, Vera, cega, estou passeando na fazenda e apesar de não ver nada garanto que estou vendo tudo! Preserve a natureza! Já!

Este domingo, como tantos outros, vai passar repleto de novidades, contentamento, diversão e alegria junto aos amigos. E de repente a noite rola e lá estarei em casa novamente. De volta à cidade grande, essa cidade agitada e difícil de viver. Já me vejo entrando no bolo, dependurada vou no ônibus, tomando cada pisada... Sorrio comigo mesma e penso: Hoje é segunda-feira e o domingo não tarda. Domingo - que é

dia de missa, dia de muita festa, encontros com os amigos para o passeio na fazenda... Isso é que me interessa! E que a mãe natureza coloque sempre um sorriso teimosamente pregado em meu rosto.

## 76

### **O menino André**

*Adriana Lacerda de Paula do Nascimento*

*Professora da Escola Municipal Arthur Guimarães*

Certa vez conheci um menino, o André. Tinha os olhos verde-esperança, a pele marrom-terra molhada e os pés colados no chão. Estava desiludido, não sonhava mais.

Me surpreendi em conhecê-lo e me comovi com sua pouca ou quase nenhuma alegria natural de viver. Resolvi então convidá-lo para conhecer lugares e pessoas.

Começamos o passeio pelo conjunto de prédios que tem uma grande área verde. Muitos pássaros passam por lá, e conversamos com algumas pessoas que moravam ali, um lugar arborizado e tranquilo!

Depois fomos ao Parque Municipal, de lá ao Parque das Mangabeiras e terminando nossa caminhada nos dirigimos à Lagoa da Pampulha. Entre um lugar e outro que visitávamos percebi André melancólico, nostálgico. Disse que não estava passando bem e que agradecido gostaria de retornar a seu caminho.

Relutei para aceitar a decisão dele, mas por fim aceitei.

Antes de ir, olhei-o nos olhos e fiz a pergunta final:

- Afinal, André, quem é você?

André me olhou profundamente e após um longo suspiro respondeu:

- Eu sou a Natureza!!!!!!!

Abri um sorriso aliviada, olhei novamente para ele, peguei em sua mão e lhe disse:

- Então não vá embora, venha comigo que eu vou cuidar de você!!!!!!!

**O HOMEM QUE NÃO EXISTE**

*Autora: ROSÁLIA VICENTE*

*Mãe de aluno da ESC MUN FRANCISCA ALVES*

A tarde é comum mas ele não. É grande, forte, apesar de todas as intempéries que lhe impuseram. Desde o nascimento. Um negro, lábios grossos como devia ser. Andar tranquilo de quem sabe que é difícil mas que é possível. Ele é forte. Veio capinar. Vai capinar, espalhar cheiro de mato por toda a casa, mato alto, desafiador, com raízes profundas de tristeza por não poder sair pelo mundo, sentir outros serenos. Quanta lágrima-de-nossa-senhora, credo, e bicos-de-lacre fazem sua reunião matinal sempre ali. Ele não diz nada e caminha devagar. Um bico-de-lacre presente, avisa, e a revoada é geral, é verdade, vai derrubar, ele chegou (o homem que não existe). O mato vai caindo, ele vai abrindo caminho e de repente o espaço está limpo, a montanha de vegetação derrubada, o homem triunfante, como se desde o início soubesse da vitória. Ele não tem documentos, para a sociedade não nasceu. Vive aqui ou em qualquer lugar que deixarem. Faz qualquer trabalho, lava, força, limpa, força, capina, força, qualquer coisa, força. Olhar expressivo, voz que numa escola de música seria lapidada em mil facetas. Simples mas adaptado a todas as lacunas impostas a ele. Como se chama? Não se sabe, Negão é como o chamam. Este homem sem nome, sem raiz, sem passado, sem grupo social tem seus princípios. Não se sabe nem se consegue ler A BONECA DE LALÁ. Mas conhece a qualidade da água da COPASA. Toda aquela rudeza de vida e possui um básico de cuidados consigo mesmo, Salve Rei, Salve Rainha. Sede, pede água, copo cheio. Mas não, quer só o copo e pergunta: "Qual das torneiras é a água da rua?" E dessa, bebe.